



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Nair Antonieta Casagrande Zanrosso FG173

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.004.SIN e TRA

Entrevistado/a: Nair Antonieta Casagrande Zanrosso

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 13 de junho de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

História de vida: Antonieta Casagrande Zanrosso. Infância.

Urbanismo: Colônia (Bairro Nossa Senhora da Saúde).

Educação: Materiais escolares.

Divisão do trabalho na Colônia: atividades masculinas e femininas. Viticultura.

A condição feminina: trabalho feminino, valorização da mulher, atribuições femininas.

Gravidez: disfarce, trabalho, pós-parto.

Vida de casada: o costume de morar na casa dos sogros (adaptação, comportamento).

O cotidiano na Colônia: atividades. Filó.

Trabalho agrícola: ferramentas, evolução.

Culinária italiana (colonial): alimentos. A colheita e estocagem do milho. Comércio: venda e entrega de leite na cidade.

Enxoval: confecção. Cooperação entre vizinhos.

Bailes: proibição da igreja.

Diferenças comportamentais: pais e filhos.

Transcrição:

Suzana: O seu nome?

Antonieta: Nair Antonieta Casagrande Zanrosso.

Suzana: Data de nascimento?

Antonieta: Quatorze de janeiro de 1936.

Suzana: No seu tempo de criança, de juventude, dona Antonieta, e infância, como era a vida na colônia?

Antonieta: Ah, se trabalhava muito junto com os pais, entregava, eu ia cedo, com sete anos de idade comecei a entregar leite na cidade, saía de casa às cinco horas da madrugada, ia de casa em casa, entregava, e depois voltava e ia para o colégio. Tu vê, então, a gente chegava até atrasada, porque... sempre chegava... Mas, às vezes, chegava antes da professora.

Suzana: É?

Antonieta: Sim, muitas vezes cheguei antes dela no colégio. E depois nós íamos de manhã, quando não ia entregar o leite, nós íamos entregar *la colacion* [merenda], que eles diziam, né? Então, ia levar a *colacion* na colônia, voltava para o colégio. Às onze horas nós saíamos e voltávamos para levar a comida ainda na colônia.

Suzana: A senhora estudou até que ano?

Antonieta: Ah, *Dio!* Até a terceira série. E olha lá também!

Suzana: E como era a escola? A senhora gostava de ir à escola, do relacionamento com os outros colegas?

Antonieta: Sim, a gente gostava muito, sabe, de ir ao colégio, e a professora era boazinha e tudo. Mas não é que nem agora. Tu vê, não tinha caderno, tudo, pegava aquelas tabelas, tu escrevia canetas com peninha, tu fazia o tema em casa, chegava no colégio, botava a tabela dentro da sacola e chegava no colégio estava tudo virado, né?

Suzana: Como assim?

Antonieta: Era assim. Não era fácil, sabe?

Suzana: E que tipos de atividades eram desenvolvidas pelos homens, na colônia?

Antonieta: Ah, os homens faziam tudo, porque era cortar pasto, cortar parreira. De tudo, eles faziam de tudo, e as mulheres iam junto, porque eles cortavam o pasto e nós íamos, esperávamos eles e depois juntava. Eles cortavam as parreiras e nós amarrávamos. Tudo o que eles faziam, a gente fazia. Fazia em casa e depois ia atrás, porque tinha que acompanhar eles, ajudar.

Suzana: Então vocês trabalhavam em casa e depois?...

Antonieta: Em casa, sim, sim. A gente levantava, olha, eu sempre me lembro, às quatro horas da madrugada, a gente levantava, acendia o fogo, fazia o café, ia tirar leite das vacas, entregava o leite para os leiteiros... Depois então saía para a colônia com eles, com os maridos. Nós íamos, eles um pouco antes e depois nós íamos com a *colacion*, que eles diziam, mais tarde.

Suzana: E que tipos de atividades vocês faziam em casa?

Antonieta: Em casa, imagina! Tudo, porque era lavar roupa, limpar a casa, e remendar as meias e costurar. Eu costurava muito, porque nós éramos uma família grande. Logo depois que eu casei, aí no Zанrosso, nós éramos na base de dezoito, vinte pessoas lá. Agora, no inverno, a minha sogra comprava a fazenda em peças, sabe? Em peça, então fazia um par, dois pares de calça cada um e duas camisas pra ele, e quem costurava era tudo eu, eu fazia pra ele. Então, nessa época nós fazíamos isso. E depois disso, então, a gente começava a ir para a colônia, que nessa época era um pouquinho mais folgado. Depois, eles começavam a cortar as parreiras e nós tínhamos que amarrar. Não tinha jeito, tinha que ir na colônia.

Suzana: E que outros tipos de cultura vocês produziam na terra?

Antonieta: Ah, nós plantávamos bastante trigo. Tinha trigo, milho, feijão, batata... tudo para o gasto, sabe, nós plantávamos bastante coisa assim.

Sônia: Dona Antonieta, e o trabalho da mulher como é que era? Era valorizado o trabalho da mulher?

Antonieta: Olha, para o meu marido [inaudível], agora os velhos não davam muito valor para a mulher [risos]. Gostavam que elas trabalhassem bastante, mas o resto....

Sônia: E assim, como é que era o seu fim de semana, dona Antonieta?

Antonieta: Era trabalhar, lavar roupa para a segunda-feira, porque não tinha muita roupa que nem agora, viu? Era uma muda ou duas e olha lá. Então, a gente tinha que lavar tudo para a segunda-feira botar e ir na colônia. Nós íamos, viu, que nem [inaudível]. De tarde tinha sempre terço nas igrejas, a maioria ia na igreja, a maioria. Então nós rezávamos o terço, depois pegávamos as crianças e íamos pra casa, nós, e os homens ficavam.

Sônia: Iam pra casa trabalhar?

Antonieta: É, nós íamos pra casa, pó. Pra casa trabalhar, remendar roupa e tudo assim.

Sônia: E quando a mulher ficava grávida, dona Antonieta?

Antonieta: [risos]. Ah, quando ficava grávida era... daí um mês, dois, tu tinha que ficar em casa, porque não podia mostrar a barriga para os outros.

Sônia: Não podia mostrar a barriga?

Antonieta: Oh! A gente usava vestido bem largo. Aqueles aventais que tinha as *tiracas*, eles diziam... tudo assim inteiro, então aquilo escondia, né?

Sônia: E a mulher, no caso, trabalhava na colônia toda a gravidez?

Antonieta: É, si, si, si. Não tinha... não tinha... Olha, eu me lembro que eu ia carregar sulfato com aquela *bigol*, que diziam, botava um balde de cada lado [inaudível]. Eu ainda me lembro, quando eu estava grávida do segundo guri, naquele calor, calor ali do mês de janeiro, dezembro, com aquele calor, carregar sulfato... Não era fácil. Depois, nasciam as crianças nervosas, cheias de calor! Imagina! O que a gente trabalhava! Debaixo de sol a sol! Não era fácil.

Sônia: E ganhavam os filhos em casa?

Antonieta: A maioria. Eu só o segundo ganhei em casa. Os outros me levaram no hospital e ganhei assim. A minha primeira filha [inaudível] e o segundo eu ganhei em casa, pegaram uma parteira, que tinha parteira nas colônias, mas quase que ela me matou, sabe? Depois os outros eu fui para o hospital.

Sônia: E dona Antonieta, na colônia era assim: quando a mulher casava, ela tinha que ir morar com...

Antonieta: A maioria com os sogros.

Sônia: Com os sogros. E como é que era isso?

Antonieta: Ah, a gente ficava ali, de mão dada [inaudível]. Tu não saía de casa sem pedir, vamos supor, não fazia nada sem pedir pra *nonna*. Nós não dizíamos sogra, de mãe, a gente chamava ela de mãe, porque o dia que a gente casava, tu cumprimentava ela, tu aceitava, dizia assim: “Me aceite e eu aceito a senhora como minha mãe”. Daí em diante era mãe, mãe e pai o meu sogro.

Sônia: E se a senhora quisesse visitar a sua mãe, a senhora tinha...

Antonieta: Ah, tinha que pedir. Nunca, nós nunca saíamos de casa sem dizer: “Olha, posso ir lá hoje? Posso?”, se ela dizia não, tu não podia ir. Nós não íamos.

Sônia: E, dona Antonieta, o seu marido trabalhava junto com a família?

Antonieta: Sim, sim, tudo junto na família.

Sônia: E eles tinham salário ou não?

Antonieta: Não, não tinham salário.

Sônia: Então, eles trabalhavam de graça?

Antonieta: É, trabalhavam e, quando ganhavam um dinheirinho, o pai dele dava um dinheirinho pra eles irem na copa, na bodega, assim, jogar um futebol, o meu marido jogava muito futebol. Então, eles iam jogar futebol, o *nonno* dava um dinheirinho pra eles. O dinheiro ficava tudo junto. Quem controlava era o sogro, quem ia fazer as compras, o que precisava. Comprava sapato, eu

lembro quando eles iam comprar que eles vinham em casa com os pacotes, compravam um pra cada um, não tinha diferença, sabe? Quando compravam era pra todos. E eram quatro filhos mais velhos na mesma idade, o *nonno* comprava pra todos.

Sônia: Tudo igual?

Antonieta: Mais ou menos, a diferença era pouca.

Sônia: E, dona Antonieta, e se vocês quisessem comprar alguma coisa, não tinha dinheiro?

Antonieta: Ah, não tinha dinheiro, só se tu pedia. Às vezes, se eles tinham te davam, mas era muito... Lá em casa, nós não éramos de muito dinheiro, sabe? Se trabalhava, não faltava comida, pão, nada. Não era de ter bastante....

Sônia: A que horas vocês começavam a trabalhar de manhã, dona Antonieta?

Antonieta: Às quatro horas, a gente sempre levantava às quatro horas, sempre, sempre.

Sônia: Quatro horas e ia direto pra roça?

Antonieta: Não, às quatro horas a gente levantava ainda escuro, depois então levantava, acendia o fogo, fazia o café. Agora, no inverno então, a gente limpava fora toda a cozinha pra depois, então, sobrar tempo pra sentar e costurar.

Sônia: De noite?

Antonieta: Sim, de tarde, de dia também, né? Depois, tinha as vacas pra tirar leite, a gente tinha as vacas, dar comida para os porcos, para as galinhas....

Sônia: E dona Antonieta, o que mais vocês produziam na colônia?

Antonieta: Olha, depois tinha a uva, fazer vinho, porque sempre tiveram bastante parreira, sempre tiveram bastante parreiras.

Sônia: Pra fazer vinho?

Antonieta: Faziam vinho, é.

Sônia: Eles vendiam o vinho?

Antonieta: Vendiam. A maioria era pro Antunes. Eu me lembro, que nem fosse o meu sogro, ele vendia vinho pro Antunes. [Cantina Luiz Antunes S. A.]

Sônia: E o preço era bom?

Antonieta: Olha, agora eu me lembro, que uma vez o meu sogro deixou de vender o vinho no começo, sabe, porque esperava que o preço aumentasse e quando foi no fim ele baixou. Ele vendeu e ganhou menos.

Sônia: Então, era sempre uma dificuldade pra vender o produto?

Antonieta: Era uma dificuldade sim, sim, sempre.

Sônia: E dona Antonieta, a mulher, então, depois que ganhava nenê, ela ficava em casa uns dias e depois quem cuidava do nenê? Ela voltava pra colônia?

Antonieta: Conforme, se era uma mulher, uma mãe que tinha bastante leite para amamentar o filho, ela ficava em casa, mas senão ela ia pra colônia. Tinha a sogra que cuidava, tinha uma cunhada ali, uma cunhada que dava de mamar pro nenê também, dois, três anos. Em vez eu não, era um mês, dois. Eu deixava o filho por conta.

Sônia: E trabalhava o dia todo na colônia?

Antonieta: O dia todo na colônia, e depois eu voltava de noite, então eu ia atrás da criança. Eu tinha um que chorava dia e noite. Então, de noite, era difícil dormir. Uma vez, eu me lembro, que eu caí no chão, sabe, com ele, balançando ele no quarto e aí eu perdi as pernas de cansada que eu estava, perdi as pernas, sabe, eu caí quase. Então, a minha sogra veio e pegou ele. Mas ele chorava sempre, dia e noite. Eu não sei o que ele tinha, porque eu experimentei de tudo, mas eu acho que era de tanto trabalhar na gravidez. Imagina como ele ficava também, né?

Sônia: Não tinha escolha de serviço, tinha que fazer tudo?...

Antonieta: Ah, não tinha escolha.

Sônia: Dona Antonieta... O que tu ia perguntar, Suzana?

Suzana: Quantos filhos a senhora teve?

Antonieta: Quatro vivos e um eu tive um aborto, o segundo. Tive uma filha e depois eu tive um aborto e custei mais a ter [inaudível]. Duas moças e dois rapazes.

Suzana: Na opinião da senhora, a senhora acha que os homens trabalhavam mais do que as mulheres, ou a mulher trabalhava mais? O que a senhora acha a respeito disso?

Antonieta: Ah, agora, os homens trabalhavam bastante na colônia, porque antigamente eles trabalhavam na colônia. Agora eles trabalham menos, porque agora eles tem trator, tem todas as máquinas, tem pulverizador, antigamente não tinha. Então, era a enxada, o arado com mula, nós não tínhamos boi, era mula que nós tínhamos. E dar sulfato era com aquelas máquinas nas costas, e a

mulher carregava o sulfato, botava dentro das máquinas deles e... Eles trabalhavam bastante, porque eles trabalhavam na colônia, pra dizer a verdade, eles trabalhavam. E agora, então, tem tudo com mais facilidade, né? Agora vão dar sulfato nas parreiras, tem tudo, tem motor, tem, está certo que tem de puxar as mangueiras, mas não que nem carregar sulfato nas costas, que nem nós carregávamos. Agora é muito mais fácil, né? É mais fácil, mas é mais prejudicial, porque todos os venenos que eles dão agora! Naquela época era mais difícil, mas era uma coisa mais...

Sônia: Saudável?

Antonieta: Saudável. Agora tudo o que tu come tem veneno! E se tu não passa isso, tu não faz nada. Esse é o problema, não é fácil.

Sônia: Dona Antonieta, como é que era a alimentação diária?

Antonieta: Isso eu não posso me queixar, sabe? A gente não comia mal, porque de manhã a gente sempre tomava um café cedinho, depois ia levar a *colacion*, então eles levavam salame, queijo, pão, polenta ou fazia *fortaia* [fritada com ovos], ou cozinhava, comprava pescado, sardinha, tinha muita aquela sardinha de sal, eu me lembro que o meu sogro gostava muito, polenta frita. Nós comíamos..., não comíamos mal não. E de meio dia, então, nós comíamos em casa, era diferente, porque tem... em casa é mais fácil fazer comida mais leve. Então, era massa, era arroz, era feijão, tudo assim. Por isso, pela comida nunca passamos fome, não.

Sônia: E as relações com a vizinhança, dona Antonieta?

Antonieta: Ah bom, era melhor do que agora.

Sônia: Como é que era?

Antonieta: Era bom, viu? A gente ia mais se visitar e filó, essas coisas. Agora é o quê? Ficar em casa e televisão, essas coisas. Era mais, antigamente mais... eu acho que era melhor do que agora.

Sônia: Como é que eram os filós, dona Antonieta?

Antonieta: Ah, a gente ia numa casa, numa outra e a gente conversava, dava risada. Depois, então, comia pipoca, pinhão... era assim. Ficava conversando uma hora, duas e depois ia pra casa e pronto. Não tinha rádio, não tinha televisão, e todas essas coisas. Eu me lembro nessa época, eu e o meu falecido pai, nós íamos tirar milho, porque era hora de tirar milho e, quando era de noite, eu não via hora que chegasse essa época pra ir no galpão guardar milho, sabe? Então, nós dizíamos que trançar o milho em italiano, e nós rezávamos o terço, toda a criançada, lá junto com o falecido pai. Rezava o terço, cantava as ladainhas em latim, sabe? Era um divertimento que nós fazíamos, sabe? Eu me lembro, foi ontem [que] eu disse para o meu marido: “Olha, quando eu me lembro do meu falecido

pai, que nós íamos guardar milho, eu [inaudível]”. Porque ele adorava, sabe, toda a criançada ao redor dele, mais a mãe, tinha uma tia, que era solteirona, ela morava junto. Ele rezava todo o terço, nós cantávamos as ladainhas e cantos assim, guardando milho e rezando.

Sônia: Guardando milho e rezando.

Antonieta: É, rezando. Rezando e cantando. Ficava aí duas ou três horas, passava e tu nem notava. Era uma beleza!

Sônia: E como é que foi pra senhora, dona Antonieta, sair da casa paterna, materna, e ir pra casa dos sogros?

Antonieta: Ah, foi muita diferença. Eu achei muita diferença.

Sônia: A senhora sofreu muito?

Antonieta: Não é que eu sofri. Eu era nova, casei com dezoito anos. Eu era criança, digo, quase. Então, saí da casa dos meus pais pra ir na casa do meu sogro, a casa do meu sogro, era italiano, e na Itália era muito rígido, sabe? Então, a gente tinha muita vergonha, a gente quase nem falava, sabe, tinha medo dele. A gente ficava assim com aquele receio. Já o meu pai não, o meu pai era..., o meu pai com as crianças era criança, digo a verdade.

Sônia: E, dona Antonieta, o que vocês compravam na cidade?

Antonieta: Açúcar, arroz, café. Nós não plantávamos, naquela época, arroz. Não era muita coisa que a gente comprava, porque a gente criava muitas galinhas, sabe? A gente tinha galinhas, os ovos, o leite. A gente tinha tambo de leite e entregava leite na cidade. Então, a gente não comprava muita coisa. Era açúcar, café, assim, o arroz.

Sônia: E como era entregar o leite na cidade? Como era essa preparação?

Antonieta: Oh, nós pegávamos as mulas, né? Nós íamos a cavalo, e tinha as malas e botávamos as malas em cima das mulas assim, e uns sete, oito litros de cada lado e levava uns cinquenta, sessenta litros de leite e tu vinha então. Levava em Santa Catarina [bairro], tinha o São Victor. Às vezes elas vinham pra fora com as panelas e a gente esvaziava o leite dentro. Ia no Silvio Toigo, no Bertussi, nós íamos no Baldisserotto. Esses aí, os médicos ali, eu me lembro, eles eram crianças e nós íamos levar lá pra eles. O Dr. Brugger lá em cima. Nós subíamos ali no hospital Nossa Senhora do Pompéia, o novo ali... Não sei se tu lembra da casa dos Brugger?

Sônia: Sim.

Antonieta: Nós subíamos aquela escada e no inverno, *ciò*, quanta escorregada naqueles degraus! Tinha geada forte, não é que nem agora. Depois, na última parte que nós íamos no Hospital

Pompéia. A gente entregava bastante leite no Hospital Pompéia. [inaudível], esvaziava todos os litros assim. Frio, às vezes, a gente saía de casa com o tempo bonito e tu chegava na metade do caminho, começava a chover. E tirar fora aqueles litros, *ciò*, a mala molhada! Era um sacrifício, um sacrifício mesmo, viu?

Sônia: E esse dinheiro era dado tudo para o...

Antonieta: Para o meu pai, para o meu pai. Era ele que dirigia a família.

Sônia: E assim, o dinheiro pra vocês, vocês não ficavam com nada?

Antonieta: Não. Eles davam, sabe, eles davam [inaudível] naquela época lá eram duzentos réis, um tostão eles davam. Era dinheiro, *ciò* que nem agora um real.

Sônia: E, dona Antonieta, como é que foi fazer o seu enxoval?

Antonieta: Ah, tudo nós que se fizemos. Fazia de noite, a gente bordava tudo. Aprendia, eu tinha uma irmã que era costureira, eu tinha aprendido a costurar e tudo. Mas depois, lá na casa do meu sogro eu costurava mais para os homens. E para as mulheres eu fiz pouco, sabe? E bordava à máquina e tudo. É sim.

Sônia: Uma mulher tinha que saber trabalhar na roça, costurar....

Antonieta: Sim, e costurar, e bordar, tudo.

Sônia: E cozinhar.

Antonieta: E cozinhar. Eu fui, eu cozinhei muito ali na Saúde [B. Nossa Senhora da Saúde]. Mas agora eu desisti, porque eu tinha um problema lá... Meus braços, não dá mais.

Sônia: E, dona Antonieta, como é que vocês adquiriram a terra lá?

Antonieta: Olha, ali no meu pai, eu me lembro que eles tinham a terra... Porque os avós, eu não conheci nenhum, sabe? Eu acredito que eram as terras dos avós, né? E depois tinha, eles eram em quatro ou cinco irmãos e se dividiram. O meu pai, todas as partes deles e ele ficou com toda a terra deles.

Sônia: E eles compraram logo na chegada da Itália?

Antonieta: Isso eu não sei te dizer, porque eu não... não tenho... Eu calculo que sim, que eles compraram ali, sabe? Agora o meu sogro sim, o meu sogro, eles vieram da Itália e eles foram morar ali perto do Evaristo de Antoni, que ainda tem aquela casinha velha ali. Foram morar ali e depois foram lá em São João, lá em cima, perto de São João. E depois daí eles foram lá e compraram. Lá no Zanrosso, lá eles compraram a terra, foram pedir dinheiro emprestado. Mas, diz que num ano e

pouco eles pagaram a terra. Depois compraram mais e aí começaram a se dividir... e repartir um pouco pra cada um, e foram assim.

Sônia: E dona Antonieta, vocês nunca tiveram empregados, sempre a mão de obra foi familiar?

Antonieta: É. Antigamente, ali no meu pai, depois no fim ele tinha um empregado que vinha, porque o meu pai era sempre muito doente, sabe? Mas senão, a maioria dos vizinhos ajudava, sabe? A gente se ajudava muito, principalmente quando era de doença. Quando era doença era só falar que... Uma vez o meu pai ficou doente, foi no hospital, no sábado de tarde toda a sociedade se reuniu e cortou em todas as parreiras. Cortaram e amarraram todas as parreiras, num sábado só. Eles vinham, sabe? Ajudavam muito.

Suzana: Dona Antonieta, na época da sua juventude, vocês costumavam vir para o centro nos finais de semana fazer alguma coisa diferente? Sair um pouco da colônia e ver o que estava acontecendo aqui?

Antonieta: Não, não. Nunca vinha aqui na cidade. A única coisa [inaudível] era quando os namorados, os guris iam jogar futebol fora da Nossa Senhora da Saúde, então a gente ia junto torcer, fazer torcida no futebol. A única coisa que nós tínhamos era aquilo. Ou senão se eles jogavam ali no campo, então a gente reunia toda a turma de moças e a gente jogava a prenda, de lenço. A gente também se divertia ali, sabe?

Suzana: E os bailes?

Antonieta: Ah, pouco. Pouco, pouco, pouco.

Sônia: Por que, dona Antonieta?

Antonieta: Ah, *ma* nem tinha tanto que nem agora.

Sônia: E a igreja deixava?

Antonieta: Olha, tinha o terço de tarde e depois ela fechava, sabe?

Sônia: A igreja não deixava, os padres?

Antonieta: Não, por isso não. Teve uma vez, sim. Eles tinham marcado baile ali no salão da igreja mesmo e o padre não deixava. Ele fechava a porta do salão e também da igreja. Ficou fechado um bom tempinho. Depois abriram porque...

Suzana: Tem que se divertir, né?

Antonieta: Sim, mas ele não queria que a gente fizesse baile no salão da igreja, né? Esse era o problema. Em vez, agora não. Agora eles fazem, alugam, sabe.

Sônia: Dona Antonieta, Nossa Senhora da Saúde está dentro da cidade, hoje é um bairro, como a cidade afetou a vida de vocês? Que mudanças trouxe a cidade?

Antonieta: Sim, sim, trouxe. Nós ali estamos no meio da cidade. Com esses loteamentos agora, ali da Rodobrás, vai esperar o quê?

Sônia: Isso piorou ou melhorou?

Antonieta: Pra colônia, piorou.

Sônia: Para a colônia piora?

Antonieta: Piora. Porque tu vê ali, com todos esses loteamentos, o que vai ser? Nós não podemos plantar nada no lado de lá da colônia. Roubam tudo! Também esses dias nós tínhamos bastante laranja de umbigo, agora não tem mais. Roubaram tudo.

Sônia: Então tem assalto?

Antonieta: Oh, *si, si*.

Sônia: Uma vez não tinha assalto?

Antonieta: Não, não tinha. Não tinha, ihhh... A uva também, no tempo da uva tu tem que cuidar. Cuidar porque eles vão lá e tiram. Não é tanto porque eles roubam e levam, como pelo o que eles derrubam no chão, estragam.

Sônia: Que outras lembranças, dona Antonieta, a senhora teria pra falar? Algum caso que a senhora gostaria de contar.

Suzana: Uma saudade, né?

Sônia: É.

Antonieta: Ah, eu tenho saudades, saudades de tudo, do passado, porque a gente fica velho, né, perde tudo. [risos]

Suzana: Ou um sonho?

Antonieta: Um sonho, eu gostaria de ter mais saúde do que a gente tem. E viajar um pouquinho também, né, assim.

Suzana: Trabalharam demais, né?

Antonieta: Gostaria de parar de trabalhar, porque a gente se obriga a trabalhar, não dá pra ficar sem trabalhar. Não é fácil.

Sônia: Que viagens a senhora fez, dona Antonieta?

Antonieta: Ah, eu fui só até São Paulo, uma só vez.

Sônia: E o sonho da senhora é viajar?

Antonieta: Não seria nem viajar tanto, sabe? Mas eu gostaria de conhecer alguma coisa, sabe?

Sônia: A senhora gostaria de conhecer a Itália, dona Antonieta?

Antonieta: Ah, bom, quem não gostaria?!

Sônia: Como a senhora sente a Itália?

Antonieta: Ah, a gente imagina, mas não é muita coisa, como muitos dizem que não é muita coisa, que é melhor aqui. Quem vai, diz que é bonito ver, mas pra morar, não. Muitos dizem que é melhor aqui.

Sônia: A senhora não tem esse sonho, então, de ir pra Itália?

Antonieta: De ir pra Itália, não.

Sônia: Não. Então, dona Antonieta, se a senhora não tem mais nada...

Antonieta: Não, se vocês acham que está bom...

Sônia: Não, se a senhora tem mais alguma coisa que gostaria de falar?

Antonieta: Não, eu acho que não, já falei muito.

Suzana: Da sua juventude?

Antonieta: Ah! O que... Eu aproveitei pouco a minha juventude, casei com dezoito anos e só trabalhei na minha vida [risos].

Suzana: Do seu pai, que a senhora disse o seu pai era muito...

Antonieta: Ah, ele era muito bom.

Suzana: Amoroso, coisa assim?

Antonieta: Era sim. Hoje eu dizia que estava doente, amanhã de manhã ele dizia: “Filha, amanhã tu te arruma que nós vamos no médico”. Ele não esperava, viu? Digo a verdade! Ele não esperava. Nunca ganhei um tapa da minha mãe, do meu pai, nunca. Mas também a gente respeitava. Agora não, agora, hoje em dia, as crianças!... Elas te dizem as bobagens na cara e nem estão. Em vez nós não, nós tínhamos muito respeito com os mais velhos. Porque não precisava o meu pai dizer para ficar quieta. Só no olhar a gente ficava..., sabia o que era. Não precisava surrar.

Suzana: E os netos, como é que são os netos agora?

Antonieta: Por isso que eu estou te dizendo, eles te mandam, eles te enfrentam agora...

Sônia: Dona Antonieta, o que é terra para a senhora? O que representa a terra?

Antonieta: É tudo o que a gente tem, sabe? É tudo o que a gente tem. Que nem, nós que estamos morando lá perto da estrada que vai para Flores da Cunha, ali, ali é o fim da terra, olha... Não sei o que vai ser, porque se a gente não cuida invadem tudo.

Sônia: A senhora venderia sua terra, dona Antonieta?

Antonieta: Agora, um pedaço de terra sim, nós temos vontade de vender. No fundo mesmo da colônia. Eles estão com a ideia de fazer uma estrada e vender, porque não adianta... Ali, então, tem já firma que procurou, sabe? Estão botando firma ali, de repente, se salva pra cima. Porque ali não adianta.

Sônia: Roubam tudo?

Antonieta: Roubam tudo. Nós tínhamos a parreira grande e já deixamos de trabalhar com ela, porque não dá pra cuidar, não dá pra se fiar. Tu tem que botar a ronda lá e no fim...

Sônia: Não ganha?

Antonieta: Não ganha pra pagar o ronda. Tiram lenha, tiram tudo lá embaixo. Coisa séria lá, pra nós não é fácil. Tem um loteamento lá perto da represa..., que bairro que tem lá?

Sônia: Fátima, eu acho.

Antonieta: Não, mais pra baixo, lá perto da Represa da Maestra, que bairro que tem aí? Belo Horizonte?

Suzana: Tem o Belo Horizonte, tem.

Antonieta: É ali, o Pioneiro, Belo Horizonte, aqueles descem tudo pra lá. Tudo. Não sobra mais nada lá pro fundo. Pra nós, esse crescimento da cidade não é bom. Agora, esse loteamento não vai ser muito ruim, porque quem compra ali é quem tem, né? Não vai ser... o condomínio que vai entrar, porque são caros os lotes ali. Mas, mais adiante eu não sei. Então, um pedaço de terra nós temos vontade, não todo, mas um pedaço, o de baixo, que nós estamos aproveitando pouco e... ali sim.

Sônia: Então tá, dona Antonieta. Se a senhora não tem mais nada. Obrigada, dona Antonieta.

Transcrição em: janeiro de 1996.

Por: Sônia Storchi Fries.

Revisão em: 16 de dezembro de 2010, 03 de janeiro de 2025 e 04 de fevereiro de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 26 minutos.

Observação: